

Aureliano reina e generais governam

No regime militar paisano não manda. Página 3

PROTESTO GERAL DOS TRABALHADORES DE TODO O BRASIL CONTRA FOME E OPRESSÃO NO DIA 1º

O dia nacional de luta decidido pela Conclat. Página 4

Editorial

Reforma do arbítrio não leva a democracia

Ainda estava no ar a poeira da queda do general Golbery, e o enfarte do general Figueiredo precipita uma nova crise política no país.

Foram tomadas todas as medidas para dar uma aparência de normalidade à posse de Aureliano Chaves. Mas, como um gato escondido com o rabo de fora, o que mais uma vez transpareceu é que os generais se consideram tutores da nação e não abrem mão do monopólio do poder político.

* Falam em maturidade do regime. Mas as decisões sobre a posse do vice-presidente, como substituto e não como sucessor, foram tomadas no velho estilo golpista e conspirativo em um apartamento de luxo, no Othon Hotel, numa reunião dos ministros militares. O Congresso Nacional foi comunicado por um "aviso" sem nenhuma base legal, como se fosse o recado de um comandante de quartel para o oficial-de-dia. Já se levantam as vozes para elogiar o regime e oferecer ajuda a Aureliano para manter a linha da "abertura". Alguns democratas que já anteriormente se assustaram com a bomba do Riocentro e foram dar apoio a Figueiredo, agora se encolhem. Repetem o mesmo raciocínio anterior: ruim com ele, pior sem ele. Mostram que não aprenderam a lição.

O temor do confronto faz ressurgir a ilusão do "aperfeiçoamento democrático" lento e gradual. Mesmo que isto implique em engolir alguns sapos, como nesta suposta "passagem normal" do poder ao vice.

* O apoio a Figueiredo resultou em algum avanço democrático? A substituição de Golbery representou mudança no conteúdo do regime? E agora que os militares resolveram permitir a posse de Aureliano, por acaso os brasileiros conquistaram o direito de escolher o presidente da república? Os generais prometem aperfeiçoar o regime. Mas o aperfeiçoamento do arbítrio jamais poderá resultar na democracia. A passagem de uma situação para outra exige uma ruptura e não um aperfeiçoamento. E não

serão exatamente os autores das medidas de exceção e dos golpes militares que farão esta mudança.

Por mais que procurem salvar as aparências, os generais conduzem o país para uma instabilidade cada vez maior. Fechados nas salas do alto comando, eles não encontram soluções para os graves problemas do país e a cada dia se antagonizam com setores mais amplos da população. O povo já não suporta a fome. Quer discutir e participar da solução dos problemas. Quer eleger seus representantes no parlamento, os governadores e o presidente da república. E os generais não permitem. Quanto mais se isolam, mais acentuam também a luta entre eles próprios para decidir que camarilha militar vai ficar com os postos principais de comando.

Se a disputa pela sucessão já estava acirrada com um general na presidência, o fato "incômodo e perigoso" de um civil no cargo vai precipitar ainda mais a luta pelo poder.

E se o próprio general Figueiredo já governava cada vez menos, tudo indica que Aureliano será uma figura decorativa, manobra pelo esquema militar que detém realmente as rédeas do poder.

* Na medida em que Aureliano cumprir a promessa de "não mudar nada" — e ele não tem outro jeito — e persistir na mesma política antinacional e antipovo, o resultado vai ser o maior isolamento do regime, maiores conflitos de classes e novas disputas entre os próprios donos do poder. A tensão política e a instabilidade só podem aumentar, como vem acontecendo até hoje.

* Mesmo que alguns democratas alimentem ilusões passageiras, a própria crise se encarrega de desfazê-las. Um novo governo, provisório, no qual objetivamente estão interessadas muitas forças políticas e sociais é a solução que se impõe para por fim ao arbítrio. A classe operária é a maior interessada em conquistar a liberdade e garantir através de um governo democrático que o povo tome em suas mãos o destino do país.



Foto: Carlos Nambu

Maluf condenado por gastar dinheiro alheio

As proezas do governador trombadinha estão na página 8



Agência O Globo

Cena do despejo de uma invasão urbana no Rio

Por que as ocupações de terra não param

Página 2

Que fim levou a revolução tão heróica do povo do Irã?

O professor francês Abraam Behar, presidente do Comitê de Apoio à Revolução Iraniana, escreve para a Tribuna sobre a complexa situação revolucionária naquele país. Página 5

Governo sufoca o transporte ferroviário e dispensa em massa na Mafersa

Página 4

A carta da metalúrgica que foi para a rua e quase abortou por não aceitar as cantadas do patrão fala o POVO

Págs. 6 e 7



Os canavieiros da Zona da Mata são transportados pior que gado

Cortadores de cana de Pernambuco decidem dia 27 sua luta salarial

Página 5



Governo declara guerra ao povo que quer terra

O governo colocou nas ruas um verdadeiro exército para expulsar alguns moradores que exigiam apenas um pedaço de chão para morar e que, para isso, haviam invadido alguns alqueires de terras públicas. Em São Paulo foram 4 mil soldados contra 110 moradores. No Rio a tropa de choque da PM deixou velhos, mulheres e crianças desabrigoados. Estes fatos vieram mostrar à sociedade a dramática situação dos que não têm onde morar.

Eram 15 horas do dia 10 de setembro, quando mais de cem policiais começaram a expulsar os moradores do terreno do IAPAS em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. O oficial da justiça deu 15 minutos para as pessoas saírem de casa. A polícia, armada de bombas de gás e metralhadoras, arrombava as casas e os funcionários do IAPAS (que é ligado ao INPS) as derrubavam. Várias casas foram saqueadas: roubaram dinheiro, bujões de gás e outros objetos. A operação terminou à meia-noite.

Em São Paulo, quando os 4 mil soldados da PM chegaram na fazenda Itupu, do INPS, para desalojar os ocupantes, encontraram somente 110 pessoas. O restante dos 3 mil moradores que demarcaram seus lotes não puderam retornar para construir suas casas. "Eu acho que isso ficou muito feio. Eles sairiam preparados para ir à guerra contra o trabalhador", diz uma moradora de uma favela no Grajaú, mãe de 9 filhos menores.

Para as autoridades o importante é defender a propriedade privada pertencente aos especuladores de terrenos urbanos. Os terrenos baldios nas grandes cidades geralmente pertencem ao IAPAS, prefeitura e alguns especuladores. A valorização destes terrenos é muito grande. Segundo a própria prefeitura de São Paulo, 40% dos terrenos na zona urbana estão abandonados.

DIVIDIR OS LATIFÚNDIOS

O deputado Aurélio Peres, que acompanhou de perto a luta dos moradores da fazenda Itupu, afirma que "o governo se comporta como se fosse um crime resolver o problema de moradia do povo". E acrescenta: "Estas invasões não colocam em cheque a propriedade privada, porque o que se coloca não é a coletivização dos terrenos. Pelo contrário. Os invasores querem é dividir os latifúndios urbanos em lotes individuais".

Os órgãos governamentais supostamente encarregados da habitação popular, como BNH, Emur-

bs, Promorar, etc., não solucionaram o problema. Hoje existe no país uma carência de 7 milhões de residências. Os aluguéis estão altíssimos. Na região sul da capital paulista, por exemplo, a média de aluguel de uma simples casa de 2 cômodos é acima de Cr\$ 8 mil.

"Um exemplo da má administração do BNH — prossegue Aurélio — ocorreu na capital do Acre, Rio Branco. O BNH construiu mil casas, onde a exigência para se inscrever no programa habitacional era que se ganhasse de 5 a 6 salários-mínimos. Acontece que as pessoas que reivindicavam casas não tinham estes rendimentos. Hoje essas casas estão fechadas e o povo não tem onde morar".

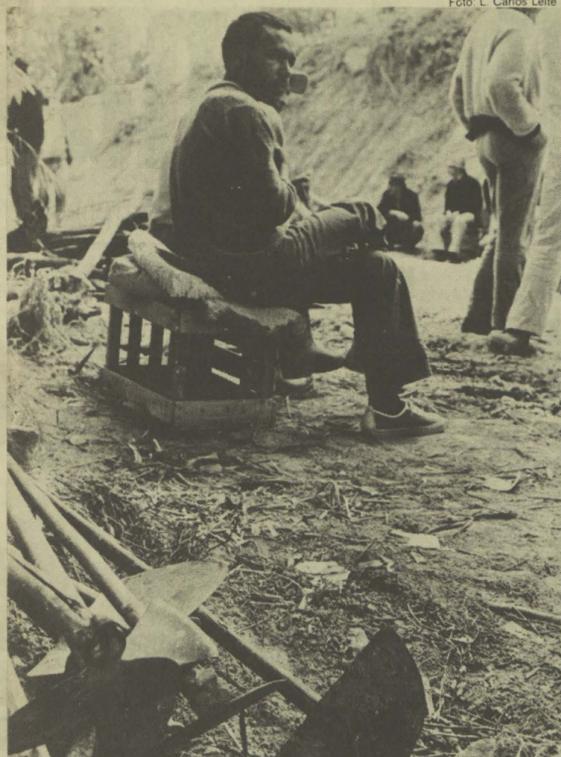
As autoridades se esquivam de enfrentar o problema de frente. No dia 18 deste mês, 300 pessoas foram até a prefeitura de São Paulo exigir que o prefeito Reinaldo de Barros cumprisse a promessa feita aos ocupantes da fazenda Itupu. Ele disse que arrumaria um lote para cada família. Só que no dia em que os moradores foram até seu gabinete ele desapareceu da prefeitura.

SEM EMPREGO E SEM CASA

Entre os que foram à prefeitura havia um pedreiro paraibano radicado há 9 anos em São Paulo. Contou a sua situação: "Passei uma semana dormindo na fazenda. Trabalhava em obras e hoje estou desempregado. Ontem andei tanto à procura de emprego que cheguei em casa desfalecido. Já tentei comprar terreno duas vezes, mas larguei porque as prestações foram subindo e aí não tive mais condições de pagar".

Como o governo não resolve o problema da moradia, o povo se mobiliza para enfrentar a situação. Como afirmou a advogada Maria Alice Adão Antunes, da Pastoral de Favelas do Rio de Janeiro, "dia a dia cresce o número de pessoas que não têm condições de pagar uma moradia e a solução que encontram é ocupar terrenos abandonados".

(Domingos Abreu sucursal do Rio)



O trabalhador aguarda a hora de poder ter o seu lote de terra

"O governo devia de garantir ao menos uma casa pra morar"

O despejo dos moradores do terreno do IAPAS em Jacarepaguá foi de uma violência extrema. Até o conservador Cardenal Eugênio Sales ficou indignado com "os métodos subversivos empregados para retirar do morro os invasores". Uma senhora de 70 anos, doente com câncer, e que tinha sua posse assegurada por uma ordem do Juiz, foi jogada para a rua. Ficou várias horas ao relento em cima de uma esteira.

Leonina Lopes de Moraes, mineira de 55 anos, faxineira, vive sozinha, sem família, e é cega de um olho. Diz ela: "Moro há seis anos no local pagando aluguel. Há seis meses fiz o meu barraco de tábuas. O fiscal do IAPAS proibiu e disse que era feio e que só podia construir de tijolos. Com todo sacrifício, ganhando três mil cruzeiros por

semana, fiz a casa. No dia em que me mudei, o fiscal veio e disse: 'A senhora tem 24 horas para sair porque o terreno é do governo'. O mais horrível foi eles darem 15 minutos para a gente tirar as coisas. Não deu tempo de tirar nada. Derrubaram com enxadas, picaretas, com o choque da Polícia e do IAPAS".

"Eu acho que a culpa é do governo", afirma Leonina. "Eu estou revoltada. É a segunda vez que eu preciso do governo e ele em vez de me dar, tira. Quando eu fiquei doente do olho ele tirou meu INPS, e eu não podia trabalhar. Agora me tira a casa e eu não tenho onde morar. O governo só vive para ele, passando, e os pobres cada vez mais pobres. Ao menos uma casa para morar ele devia de garantir".



A "Gang da Cocaína" em Suzano agride opositorista

A "Gang da Cocaína" de Suzano não gostou das notícias publicadas na Tribuna Operária e usou de seus capangas para tentar calar o jornal. Após o encerramento de sessão da Câmara Municipal, no dia 8 de setembro, pessoas ligadas ao prefeito Estevão de Oliveira passaram a provocar os setores oposicionistas. Não tendo argumentos contra as denúncias que incriminam o prefeito, os capangas do PDS chegaram a agredir dois elementos ligados ao PMDB, na saída da câmara. Um outro fato que está chamando a atenção na cidade foi um incêndio na fábrica do grupo do prefeito. O povo comenta nos bares e nas esquinas que este incêndio foi para queimar o depósito de cocaína. Assim destruíam as provas do tráfico e o seguro ainda pagaria os estragos.

CBA vai denunciar mutilações provocadas pelas torturas

O Comitê Brasileiro de Anistia de São Paulo convoca todos aqueles que foram tornados deficientes físicos pela repressão política, assim como aqueles que têm conhecimento de alguns desses casos a entrarem imediatamente em contato com o Comitê pelo telefone 32-2518 ou no seguinte endereço: Travessa Brigadeiro Luis Antônio, nº 145 (antigo 21), Bela Vista, CEP 01318.

Deputados goianos apoiam greve dos universitários

No último dia 18 foi votada moção de apoio às reivindicações dos universitários goianos na Assembleia Legislativa do Estado. A moção contou inclusive com o voto dos parlamentares do PDS, que chegaram a reconhecer que a educação se encontra "no caos". Na ocasião, formou-se também uma comissão oficial da Assembleia para, juntamente com os reitores, professores e estudantes, ir à Brasília reivindicar mais verbas para o Ensino. Para os estudantes, em greve desde o dia 3 de setembro, este foi um importante passo rumo à união dos setores democráticos e populares, na luta pela conquista de um ensino de melhor qualidade (da sucursal)

Mulheres de Nova Iguaçu se reúnem e organizam sua luta

No dia 23 de agosto último foi realizado o II Encontro da Mulher da Baixada em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. O Encontro foi organizado por diversas entidades, entre as quais o Movimento Amigos de Bairro. Cerca de 500 mulheres decidiram lutar por creches públicas, contra a taxa da Associação dos Pais e Mestres cobradas nas escolas, por meia passagem de ônibus para os trabalhadores e contra o controle da natalidade imposto pelo governo. As mulheres também aprovaram uma moção de repúdio ao pacote do INPS e à Benfam, e uma moção de apoio ao povo de Salvador, na Bahia, na luta contra os aumentos das tarifas de ônibus. (da sucursal)

Mulheres fluminenses vão realizar congresso

Foi realizada no Rio a primeira plenária de preparação do II Congresso da Mulher Fluminense, com a participação de cerca de 100 mulheres, várias entidades e significativa presença de moradoras de favelas. O Congresso, que será realizado nos dias 21 e 22 de novembro deverá discutir problemas relacionados com a mulher e condições de vida e saúde, a mulher e a política, mulher e educação, mulher e trabalho e mulher e a condição feminina. (da sucursal)

Interbairros de Fortaleza promove importante encontro

A Associação Interbairros vem se preparando para o Congresso de Bairros de Fortaleza, que será realizado na segunda quinzena de novembro. O Congresso reunirá representações de todos os logradouros da cidade, a fim de reivindicar melhores condições de vida para a população da periferia. O encontro pretende também elaborar um programa de luta dos bairros e favelas, que destacará como reivindicações, entre outras: coleta de lixo, instalação de rede de água e esgotos, congelamento dos preços dos transportes, telefone público para chamadas de emergência, energia elétrica e postos de saúde. (da sucursal)

Lançamento de jornal atraindo moradores pobres de Maceió

Contando com a presença de Jane Vasconcelos, da coordenação nacional do Movimento Contra a Cestaria, foi lançado em Maceió o **Jornal dos Bairros**. Realizado na sede da OAB, o lançamento contou com mais de 400 pessoas, em sua grande maioria moradores dos bairros mais pobres da capital. O jornal tem como proposta lutar pela organização e unificação dos setores populares, em suas associações de bairros, e já lançou uma idéia: a Federação das Associações de Bairros. Em Maceió tal iniciativa se reveste da maior importância, pois até bem pouco praticamente inexistiam as organizações por local de moradia. Hoje diversos bairros estão na luta por sua associação e o jornal desde seu nascimento já se coloca na prática como aglutinador desses anseios populares. (da sucursal)

Secundaristas alagoanos promoverão seu II Encontro

Nos próximos dias 3 e 4 de outubro estará se realizando em Maceió o 2º Encontro de Estudantes Secundaristas de Alagoas, com a participação de representantes de Arapiraca, Junqueiro, Penedo, União dos Palmeiras, Vicoça e Fim Nova, entre outros bairros. Nos dois dias serão discutidos a situação do ensino alagoano e brasileiro, a democracia nas escolas e principalmente a reorganização da União dos Estudantes Secundaristas de Alagoas, fundada em 1949 e extinta em 1968 pelo regime militar. (da sucursal)



Ocupantes dos lotes de Itupu protestam na Prefeitura de São Paulo

Os secundaristas de São Paulo reconstróem sua entidade estadual

Nos dias 19 e 20 de setembro mais de 400 delegados representando escolas de 1º e 2º grau do Estado de São Paulo reconstruíram sua entidade, a União Paulista dos Estudantes Secundaristas. Como se recorda, a UPES foi colocada na ilegalidade logo após o golpe militar de 1964 e foi extinta 5 anos depois, em 1969.

12% do orçamento da União e 25% do orçamento dos Estados sejam efetivamente destinados a este fim. Os secundaristas de São Paulo também elegeram uma diretoria provisória, que deverá dirigir a entidade até a realização de eleições em abril de 1982.

ESCOLA PARA TODOS

A reconstrução da entidade máxima dos secundaristas não interessa apenas aos estudantes, mas a todo o povo de São Paulo.

Cláudia Correia, estudante da 1ª série do Colégio Objetivo, eleita no Congresso para a diretoria provisória, afirmou a respeito: "Os estudantes secundaristas são em sua maioria trabalhadores e operários. Por isso estão ligados com a população pobre e

carente do Estado. Por isso também têm grande disposição de luta, que agora vai ser reforçada e organizada. Nós sabemos que 7 milhões de jovens de 7 a 15 anos de idade estão sem escolas. E de cada mil que ingressam no 1º ano primário, apenas 28 chegam à Universidade. Isso é um problema de todos e particularmente dos trabalhadores, já que são eles e seus filhos os primeiros a serem excluídos. Isso porque devido aos baixos salários são obrigados desde cedo a botar seus filhos no trabalho para poder sobreviver".

A União Paulista dos Estudantes Secundaristas vem pois retomar as tradições combativas do estudantado e reforçar a luta de todo o povo brasileiro pelo direito à Educação e pela liberdade.

Novas formas de luta contra aumentos nos transportes

Após a verdadeira insurreição em Salvador, na Bahia, que se prolongou por 9 dias, a luta contra o aumento das tarifas urbanas prossegue com vigor em diversas cidades brasileiras.

BELO HORIZONTE

No dia 10 de setembro Belo Horizonte amanheceu coalhada de policiais. Milhares de soldados da PM cercaram as ruas, armados até os dentes, numa tentativa evidente de evitar qualquer manifestação popular contra o aumento de 60% nas tarifas de ônibus. Apesar disso, cerca de 500 pessoas, convocadas pelo Movimento Contra a Cestaria e diversas entidades protestaram em praça pública contra o aumento. Um abaixo-assinado contra o aumento extorsivo conseguiu grande adesão da população. Em apenas uma semana, até o dia da manifestação, já havia 60 mil assinaturas. O movimento conseguiu uma importante vitória parcial: o aumento decretado foi de 36% contra os 60% pretendidos pelo governo.

SÃO CARLOS

Desde o mês passado os estudantes da cidade vêm protestando de diversas formas contra o aumento das tarifas dos ônibus e a redução do passe escolar.

Diante do clima de tensão na cidade, foram chamados reforços policiais de Araraquara, Ribeirão Preto e até Campinas. Apesar disso, no dia 15 os estudantes promoveram o "Dia Municipal do Pulo", incentivando a população a pular a catraca sem pagar. A iniciativa contou com a adesão de populares e criou grande confusão na cidade, paralisando durante várias horas o trânsito.

PIRACICABA

A população de Piracicaba também não aceitou passivamente os aumentos. No dia 1º de setembro houve um ato de protesto no terminal de ônibus urbanos da cidade, com a participação de populares, partidos políticos de oposição e entidades democráticas. Uma comissão composta por moradores de diversos bairros vem desenvolvendo um trabalho de mobilização, passando um abaixo-assinado que já conta com 30 mil assinaturas. Ele será entregue ao prefeito no dia 1º de outubro, numa grande manifestação que reivindicará também mais e me-

lhores ônibus, meia passagem para trabalhador e estudante e passe gratuito para o desempregado.



Jane Vasconcelos, do MCC da Bahia

MCC da Bahia avança na luta

A luta contra o aumento das passagens de ônibus em todo o país botou o Movimento Contra a Cestaria na boca do povo. Em Salvador, onde o MCC liderou uma das maiores manifestações populares já ocorridas no Estado, a Tribuna ouviu Jane Vasconcelos, membro da coordenação nacional. "Apesar da violenta repressão do governo à manifestação, a pressão popular fez com que o prefeito Mário Kertz voltasse atrás e dialogasse com a gente. Ele e o governador Antônio Carlos Magalhães ficaram bastante desgastados, e já há divisão entre eles. Kertz recua mas ACM não quer dar o braço a torcer, e diz que não reconhece o MCC.

"Os empresários não vão abrir mão do lucro tão facilmente. Enquanto isso o trabalhador anda a pé ou gasta boa parte do seu salário em transporte. Mas conseguimos alguns avanços no terreno das negociações. Uma empresa, a Jovvansa, nos procurou para manter diálogo. O saldo organizativo foi enorme: conseguimos criar novos núcleos do MCC em diversos bairros. Ficou provado, também, que a união e a pressão popular pode nos trazer vitórias, pode levar os poderosos a recuar".

Princípios
Revista teórica, política e de informação. Junho 81 - Cr\$ 100,00

A Social-Democracia, Instrumento do Capitalismo

Princípios é uma revista com assuntos teóricos, políticos e de informação.

Assinatura: 4 números Cr\$ 600,00

Nome:
Endereço:
Bairro: Cidade:
Estado: CEP: Fone:

Estou enviando o cheque nº no valor de Cr\$ em nome da Editora Anita Garibaldi, rua Beneficência Portuguesa, 44 - sala 206 São Paulo, SP - CEP 01033.

Tribuna Operária

Federal: Ed. Goiás - sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Espírito Santo: av. Getúlio Vargas, 247 - sala 705 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: rua da Lapa, 200 - sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021. Av. Amarel Peixoto, 370 - sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. São Paulo: rua Marechal Deodoro, 943 - Centro - Campinas - CEP 13400. Praça Ennes da Silveira Melo, 1378 - Piracicaba - CEP 13400. Paraná: rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 809-A - Curitiba - CEP 80000. Rua Sergipe, 891 - salas 7 e 8 - Londrina - CEP 86.100. Rio Grande do Sul: rua General Câmara, 52 - sala 29 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Rua Dr. Montaurio, 658 - 1º andar - sala 15 - Coxias do Sul - CEP 95100. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorúas. Rua Gastão da Cunha, 49 - Fone: 531-8900 - São Paulo.

Jornalista responsável: Pedro Oliveira
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel, Dilair Aguiar.
Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501 - Bela Vista - São Paulo, Capital, Tel.: 36-7531 CEP 01325.
Sucursais: Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A Pça. da Saudade - Caixa Postal 1439 Manaus - CEP 69000. Pará: rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000. Maranhão: rua Osvaldo Cruz, 340 - sala 404 - São Luiz - CEP 65000. Piauí: rua David Caldas, 374 - sala 306 - Sul - Teresina - CEP 64000. Ceará: rua do Rosário, 313 - sala 206 - Fortaleza - CEP 70000. Paraíba: av. D. Pedro I, 1.012 - João Pessoa - CEP 58000. Pernambuco: rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707 Boa Vista - Recife - CEP 50000. Alagoas: rua Fernandes de Barros, 43 - sala 05 Centro - Maceió - CEP 57000. Bahia: rua Padre Vieira, 5 - sala 307 - Centro - Salvador - CEP 40.000 - av. Getúlio Vargas, 260, sala 101 - Feira de Santana - CEP 44100. Minas Gerais: rua da Bahia, 573 - sala 904 - Centro Belo Horizonte - Tel.: 224-7605 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Goiás: av. Goiás, 606 - edifício Minasbank - sala 2005 - Centro - Tel.: 225-6689 - Goiânia - CEP 74000. Distrito



Nessa conta o fornecimento foi Cr\$ 617,69 e o imposto (no círculo) foi mais de um terço: Cr\$ 237,99.

Aumento na conta de luz para pagar bancos internacionais

D. Eusébia recebeu a conta de luz de setembro e levou um susto! "Nossa! Dois mil cruzeiros! Isso é um assalto!" É que ela mora num cômodo e cozinha, em Guarulhos, e nem usa chuveiro elétrico. Isso está acontecendo com todos. Este ano a luz já subiu 110% e dia 28 sobe mais. E ainda pagamos um imposto desgraçado junto com a conta!

Parece que o Ministro das Minas e Energia de Geisel tinha razão quando disse em 1974: "Ou aumentam as tarifas ou teremos que apelar para a dívida externa". Só que a realidade foi muito pior. A Eletrobrás se afundou nas dívidas, hoje deve mais de 9 bilhões de dólares a banqueiros estrangeiros. E o governo aumenta assustadoramente as contas de luz dos consumidores para pagar essas dívidas.

O governo, com aquela sua mania de grandeza, disse que iria gastar 2 trilhões de cruzeiros com a eletricidade na década de 80 e decidiu fazer grandes projetos: Tucuruí, Itaipu, o famigerado Acordo Nuclear. O resultado é o que estamos vendo: a Eletrobrás num atoleiro, tendo que gastar

1,5 bilhões de dólares por ano para pagar juros e amortizações.

O IMPOSTO PESA MUITO

Além do preço caríssimo que o consumo residencial paga — 10 cruzeiros por kilowate — existe 1 imposto de quase dois cruzeiros por kilowate. Nas contas de luz o imposto pesa mais de 25%. Só em 1981 o governo espera ar-

recadar mais de 40 bilhões de cruzeiros com esse imposto, o equivalente a mais de mil prêmios da loteria esportiva. E mesmo assim a Eletrobrás está no buraco.

A situação é tão ruim que em São Paulo a Eletropaulo, ligada a Eletrobrás, gasta milhões de cruzeiros com propaganda nos jornais tentando convencer o povo de que a energia elétrica está barata. Mas acaba provando o contrário: reconhece que a luz subiu 110%, em um ano, mas esquece que os salários foram reajustados pelo INPC, que não chega a 100%.

O que uma família sem luxo gasta por mês com energia elétrica.

Para tomar banho	400,00 cruzeiros
Para geladeira	600,00 cruzeiros
Passar roupa	220,00 cruzeiros
Para ver televisão (só na hora da novela)	70,00 cruzeiros
Lâmpadas	200,00 cruzeiros
Mais o imposto	300,00 cruzeiros

A liberdade de imprensa está na mira dos generais

O diretor do jornal Nosso Tempo, de Foz de Iguaçu, no Paraná, vem de ser enquadrado em nada menos de 4 artigos da Lei de Segurança Nacional. O jornalista Juvêncio Mazzarolo é acusado, entre outras coisas, de ofender a dignidade e exercer violência contra autoridades, e de atividades perigosas à Segurança Nacional. As penas somadas dariam 21 anos de prisão.

O motivo de tanta celeuma foi o artigo "Não se tira leite de vaca morta", onde Juvêncio defende a necessidade da conquista da liberdade política e da liquidação do regime militar. Os militares quiseram con-

denar o jornalista também por sua participação nas lutas populares da região, em particular em apoio aos posseiros que lutam pela terra em Itaipu. No afã de condená-lo a Auditoria enquadrou Juvêncio sem ao menos promover inquérito, considerando a própria acusação como prova!

O fato é que a imprensa brasileira, e em particular a alternativa, está na corda bamba. Vive ao sabor dos humores deste ou daquele militar ou juiz. Basta ver o caso do jornal Hora do Povo, que teve três jornalistas enquadrados na mesma LSN por publicarem um panfleto denun-

ciando a existência de contas de figurões do governo nos bancos da Suíça. Mas desta vez a imprensa alternativa conseguiu certo êxito: o Superior Tribunal Federal aceitou o pedido de habeas corpus sob alegação de que os réus são primários e deveriam ser julgados pela Lei de Imprensa, podendo responder em liberdade.

Ambos os casos mostram o quanto a imprensa, principalmente a democrática e popular, encontra-se cerceada. A dita abertura tem limites muito claros para ela. Pode-se falar de tudo... menos aquilo que desagrade aos militares.

Aureliano assume o governo sob a tutela dos militares

O que muda no Brasil com a doença do general Figueiredo e a posse do paisano Aureliano Chaves, marcada pelos ministros militares para quarta-feira 23? O próprio Aureliano foi obrigado a dizer de público que tem absoluta identidade com Figueiredo e não vai mudar nada no

governo. Isto significa a permanência dos ministros atuais. E, o que é pior, da mesma linha de ação antipopular e antinacional. Quer dizer também que o cargo de presidente torna-se ainda mais decorativo. E que a briga pela sucessão vai se aguçar.

O enfarte do general Figueiredo trouxe à luz alguns indicadores da situação do país. Uns dizem que a doença é consequência do "excesso de preocupações" do presidente. Há pouco tempo um general reclamava que os militares são responsabilizados por tudo de errado que acontece no país. De fato, as dificuldades são muitas, e graves. Mas são os próprios militares que usam até a força bruta para concentrar todas as decisões em suas mãos, impedindo a participação dos representantes do povo. E fazem questão de que o presidente seja um general, que deve acumular grandes preocupações — principalmente porque as decisões do governo em vez de resolver agravar ainda mais as coisas.

Briga feia pra ver quem fica nos postos-chave

No terreno econômico, embora alguns empresários tentem difundir um falso otimismo, os problemas são tantos que o próprio presidente mundial da Volks disse recentemente que "a situação é catastrófica". A produção de aço, por exemplo, um dos índices mais importantes para medir o desempenho da economia, caiu em 10% no primeiro semestre do ano, por falta de encomendas. A exportação de produtos brasileiros, vital para a política econômica do governo, segundo as próprias autoridades, deve ficar bem abaixo do planejado, por falta de compradores.

O presidente devia estar "preocupado" com esta situação. Mas as soluções propostas por seu governo só podem trazer mais complicação. Por exemplo na sua proposta de orçamento federal, a tônica é o corte de despesas com obras públicas, com a previdência, etc, que só pode resultar em mais desemprego e piores condições de vida do povo. É logicamente novas "preocupações" com a revolta popular.

Com as dificuldades, aumentam as divergências dentro dos próprios donos do poder. Crescem as disputas entre os grupos do general Médici e de Geisel, que vão sendo tratadas através de golpes nos bastidores do Palácio do Planalto. Os militares se recusam a colocar nas mãos do povo, através de eleições limpas, os problemas do poder político.



Por isto caiu o general Golbery, sem explicações para os brasileiros. Por isto aparecem os "pacotes de casuísticos" para fraudar o voto popular, onde cada grupo procura impor as regras que favoreçam os seus candidatos. E nas promoções militares, a briga ainda é mais feia para ver quem fica com os postos-chaves.

Viver com medo do povo não faz bem ao coração

Todas estas "preocupações" concentradas em alguns generais, que se julgam os únicos capazes de governar, não devem ser boas para o coração. E o temor constante da revolta do povo contra a fome e contra as arbitrariedades do regime militar, deve ser pior ainda. Junte-se a isto as viagens frequentes por todo o Brasil e pelo mundo, as festas com muito churrasco e regadas com muito uisque escocês (tudo pago pelo povo) e se tem uma boa receita para um enfarte, mesmo para um praticante de equitação.

Agora que o general tem que ser substituído na presidência, os militares mostram que continuam intransigentes em não abrir mão do monopólio do poder (e das "preocupações" decorrentes, apesar do general Valter Pires já ter

colocado uma válvula no coração!). Foram os três ministros militares que se reuniram e decidiram que o vice Aureliano Chaves toma posse na quarta-feira. Mas para que serve o Congresso Nacional? Porque é que três generais devem decidir no lugar de 486 deputados e senadores? E mais, mesmo prevendo apenas uma substituição temporária, já fizeram Aureliano prometer que vai "governar" sem mudar nada, e garantir que está "em perfeita identidade" com Figueiredo. Eles acham que um civil na presidência, mesmo escolhido por eles, pode abrir uma brecha no monopólio do poder, ponto central do regime militar.

Aureliano ganhou junto com o cargo um apelido

Com tudo isto, apesar da fachada democrática, o que todo mundo já sabe é que Aureliano Chaves assume o cargo mas o governo fica com os generais. Ele já ganhou até o apelido de "Rainha Elizabeth".

A insistência no monopólio do poder faz com que os generais cada vez mais se afundem num impasse. Entram em confronto com o anseio de liberdade do povo e lutam entre si pelo poder.

O povo tem todo direito de escolher seus governantes

Ainda não apareceu nenhum general ou político governista para dizer que os culpados pelo enfarte de Figueiredo são os "subversivos", os "agitadores", os "comunistas". Estes, porém, têm sido os eternos bodes expiatórios acusados por tudo que desagrade o regime militar, desde as greves e os movimentos contra a carestia até as invasões de cidades nordestinas por flagelados da seca.

O governo atribui a essas pessoas poderes sobrenaturais. Culpa-as por tudo, porque não quer chegar às verdadeiras causas do desemprego, dos salários e das condições de vida cada vez piores do povo e de suas lutas por direitos elementares como viver, comer e trabalhar.

É ilusão — e má fé — acusar os comunistas de inverter estas lutas. Elas são consequência de uma situação objetiva. O que os comunistas e todas organizações e ativistas políticos de oposição podem fazer é atuar no movimento real, ajudar as massas trabalhadoras a sistematizar suas experiências e encontrar as formas de luta mais adequadas. Podem contribuir para uma análise científica da realidade e destacar os problemas mais importantes a resolver. Podem ajudar na formulação de uma plataforma de lutas que interesse aos mais amplos setores sociais. Podem ajudar a classe operária e o movimento democrático a encontrar uma política de frente única, ao invés de deixar que cada setor social se volte espontaneamente apenas para os seus problemas específicos.

Os movimentos que tanto enraivecem o regime não são "planejados" por quem quer que seja. Não são criados artificialmente por pessoas, grupos ou organizações. Na verdade os elementos de vanguarda dentro do movimento operário e popular, limitam-se a atuar conscientemente para que as lutas tenham maiores condições de vitória.

POVO QUER DECIDIR

No momento, o regime concentra seus ataques contra estes ativistas, com o intuito de isolá-los e abrir caminho para golpeá-los. Já disse inclusive que pretende "usar a lei" contra eles. Quem conhece a linguagem dos militares, entende que eles pretendem encher novamente as cadeias, através da lei fascista de Segurança Nacional.

Por sua vez, os opositores têm o direito de mostrar que, enquanto este regime vigorar, não se pode resolver os problemas centrais do povo brasileiro. Por exemplo no próprio episódio da doença do general Figueiredo: enquanto os generais falam no "aperfeiçoamento do regime", mas não abrem mão da tutela sobre o governo, a oposição popular repudia a conciliação com esta farsa de sucessão. Defende que todos os cidadãos brasileiros tenham voz e voto na escolha do presidente. Exigem um governo democrático provisório que garanta a participação do povo nas decisões.

(Rogério Lustosa)



General Pires, quem é mesmo culpado por essa tradição?

Militares decidem se vice assume ou não

Com um ar muitodemocrático, o ministro do Exército, general Valter Pires, anunciou para a imprensa: "Isto de vice-presidente não assumir é uma tradição que tem de ser quebrada".

Em 1961, os ministros militares decidiram não dar posse ao vice-presidente João Goulart. Jango acabou assumindo, depois de uma séria crise. Mas foi derrubado pelo golpe militar de 1964. E o seu substituto legal, Ranieri Mazzili, só durou uma semana. Em 1969, novamente os ministros militares vetaram o vice Pedro Aleixo.

Com o enfarte do general Figueiredo, os ministros militares se reuniram — num apartamento do Othon Palace Hotel, no Rio — e resolveram deixar o vice Aureliano Chaves substituir "temporariamente" o presidente enfermo. E se proclamam muito liberais por causa disto. O próprio Aureliano afirmou que "as Forças Armadas já não aceitam as soluções anormais". E um coro de conciliadores já está elogiando a maturidade do regime. Falam até das "qualidades democráticas" de Aureliano!

Mas os trabalhadores têm algumas perguntas a fazer. Quem instaurou no Brasil a praxe de não dar posse aos vice-presidentes? E a praxe dos golpes militares, das cassações e do cancelamento de eleições? Mil vezes já se disse que a liberdade se conquista, não é dada dos poderosos. Mas tem gente que ainda não entendeu a lição!

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Os trabalhadores e a propriedade privada

A tomada de terrenos baldios em São Paulo e os conflitos pela terra no sul do Pará provocaram indignados discursos "em defesa da propriedade". Políticos governistas, militares, capitalistas e latifundiários, horrorizados, pediram que se agisse com mão de ferro contra os sacrilegos invasores.

Dito e feito. Em São Paulo, 4 mil soldados da PM desalojaram numa operação de guerra as famílias sem teto. No Pará, efetivos da Polícia Federal e até do Exército investem contra os posseiros. As classes possuidoras movem uma verdadeira cruzada, permanente, em defesa do que consideram o mais sagrado dos direitos humanos.

ZELO SÓ CONTRA O POVO

A hipocrisia destas investidas não tem limite. Nem a ocupação dos terrenos em São Paulo, nem a luta dos posseiros paraenses dirige-se contra a propriedade. São lutas de caráter democrático, para resolver problemas angustiantes e imediatos do povo, dentro dos limites do sistema de propriedade atual.

Além disso, as autoridades não mostram tanto zelo na defesa dos bens dos que trabalham. No Pará, confiscam sumariamente armas de caça e até facões, assim como expulsam os lavradores de suas posses. Não será isso também um atentado à propriedade?

SISTEMA CONDENADO À MORTE

Porém é verdade que o movimento operário consciente objetiva a abolição da propriedade privada, capitalista.

E não é a primeira vez na história que um regime de propriedade é posto em xeque. Há cem anos, no Brasil, por exemplo, vigorava ainda a propriedade escravagista. As classes dominantes e as leis achavam natural que uma pessoa pertencesse a outra, como se fosse um objeto ou um animal. Hoje, este sistema, assim como o sistema feudal clássico, já não passam de peças de museu.

O regime capitalista da propriedade privada terá o mesmo fim. Condenado pela história, será morto e enterrado pelo socialismo, por mais que isto horrorize os proprietários capitalistas e latifundiários.

ARGUMENTOS DE PÉ QUEBRADO

Estes senhores acusam o socialismo de abolir a propriedade adquirida pelo esforço pessoal, que seria a base de toda a liberdade dos cidadãos. Mas o que se vê na prática? Milhões de pequenas propriedades de camponeses, artesãos, etc., são esmagadas e desaparecem no mundo atual. E quem as destrói? O socialismo? Não. A pequena propriedade, fruto do trabalho individual, é vítima da grande propriedade capitalista.

E a grande propriedade, de onde vem? Quem constrói as gigantescas indústrias, os bancos, os monopólios multinacionais? Não são certamente seus proprietários. Hoje, qualquer burguês pode comprar certo número de ações de uma empresa e viver do bom e do melhor, com a renda obtida, sem saber sequer o endereço da fábrica que o sustenta.

Quem produz a grande propriedade capitalista é o trabalho dos assalariados. Mas estes, por mais que penem, não criam qualquer propriedade para si.

Assim, os trabalhadores nada possuem. Os proprietários nunca trabalham. E o abismo entre eles cresce sem parar, com a ruína dos pequenos produtores autônomos.

A PROPRIEDADE SOCIALISTA

Por outro lado, a grande produção cria as condições para o fim da propriedade capitalista, pois torna-se obra coletiva de um número cada vez maior de homens e mulheres. Só a apropriação continua privada.

Um dia, a maioria trabalhadora, despojada de toda propriedade, arranca do poder a minoria que a explora. E substitui a velha propriedade privada pela propriedade coletiva, socialista, dos meios de produção.

Mil demissões preparam Mafersa para as multas

A metalúrgica Mafersa, em São Paulo, já demitiu 1.100 operários em 12 meses. A última leva de cem foi para a rua dia 10. Enquanto isso, um decreto do governo, dia 18, libera a venda da empresa, atualmente nas mãos do estado. As multinacionais já estão de olho.

Na porta da Mafersa (Materiais Ferroviários SA), no bairro da Lapa, Cândido Hilário, o Bigode, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, convoca uma reunião contra as demissões e denuncia: "O governo está querendo vender a Mafersa e os grupos estrangeiros estão muito interessados. Vai ser o mesmo que entregar o ouro ao bandido. A firma é muito lucrativa, no ano passado deu quase um bilhão de lucro".

DESNACIONALIZAÇÃO

Hilgenberg Marques, do Sindicato dos Desenhistas, com cinco anos de Mafersa, também está na porta da fábrica e explica: "A Mafersa é a única empresa que tem condições de projetar um vagão de trem de ponta a ponta. Já a Cobrasma e a Santa Matilde (outras firmas do setor) têm tecnologia francesa e alemã". E sobre a política oficial: "O governo foi pedir dinheiro para a França, para construir o Metrô de Recife, e acabou tendo que comprar trem francês. Foi à Alemanha pedir dinheiro para o Metrô de Belo Horizonte e teve que aceitar a compra de trens alemães. E a Mafersa?"

A convocação do Sindicato é bem aceita. Muitos até dizem que ela já veio tarde, devia ter sido antes das demissões do dia 10. No dia 15, à noite, 57 operários reunidos decidem lutar por uma estabilidade mínima e se posicionam contra a venda da Mafersa.

Um soldador a ponto co-

ção do Sr. Lauro Parente, que foi passar na Europa, a Mafersa atrasou os salários por seis meses. Isto foi a gota d'água. Entramos na luta e acabamos conseguindo a estatização. Uma indústria como essa pode produzir até tanques de guerra. Não pode ficar com estrangeiros e testas-de-ferro".

3 MIL DEMITIDOS EM 80

Mas a política do governo está sufocando a indústria ferroviária e a tecnologia nacionais. Mesmo com a crise do petróleo, a produção do setor está em decadência. O Brasil, que já fabricou 5 mil vagões de carga num ano, agora não fabrica nem 1.500. A produção de vagões de passageiros é de 227 quando podia ser de 800. O setor, sufocado, demitiu 3 mil trabalhadores só em 1980, enquanto o estado lastimável das ferrovias e a crise do transporte urbano provocam revoltas da população e quebra-quebra de trens.



Não há vagas para operários; só para o capital estrangeiro

Trabalhadores do Brasil têm protesto nacional no dia 1º

Foi decisão da histórica Conclat (Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras) que o dia 1º de outubro será marcado por massivas e combativas manifestações contra o regime militar e a exploração.

COBRANÇA EM BRASÍLIA

A forma de protesto do 1º de outubro foi definida dia 11 na primeira reunião da Comissão Pró-CUT, na sede da Contag em Brasília. Decidiu-se realizar atos públicos nos principais centros de cada Estado. Também como forma de protesto deverão ser acionadas as buzinas dos automóveis, sinos e sirenes. Um documento da Pró-CUT será lido nas empresas e concentrações de trabalhadores, e entregue ao presidente da República, por uma comissão de oito sindicalistas. Depois da entrega haverá manifestação na rampa do Congresso Nacional, com a participação

das entidades sindicais e populares do Distrito Federal.

Porém salta aos olhos que a preparação do 1º de outubro ainda não expressa a disposição de luta dos trabalhadores, representada pelos cinco mil delegados à Conclat. É como afirma o membro da Pró-CUT e do Sindicato dos Padeiros de São Paulo, Raimundo Rosa: "A Conclat acabou não tirando formas concretas de luta contra a atual situação. Tudo devido às brigas dos cupulistas, que não representam os anseios dos trabalhadores". Antonio Guerreiro, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Ribeirão Preto e Sertãozinho, completa: "Muitos dirigentes sindicais farão corpo mole para o 1º de Outubro. Nem assembleias da categoria farão".

O desrespeito ao espírito de combate da Conclat se dá até no encaminhamento das resoluções da Conferência. O diretor do Sindicato dos Médicos, Jamil Murad, é preciso ao dizer que "as convo-

catórias e o cartaz para São Paulo não estão de acordo com o votado pelos cinco mil na Praia Grande. Fala-se em Assembleia Nacional Constituinte, quando ficou decidido que os trabalhadores querem a Constituinte precedida do fim do regime militar. Fala-se em Reforma Agrária, quando os delegados deixaram claro que exigem a Reforma Agrária Radical".

PARAR PARA LEITURA

Para fazer com que o 1º de outubro corresponda à decisão dos delegados da Conclat e à insatisfação geral do povo, os sindicalistas mais comprometidos com a classe vão ter que pressionar seus Sindicatos. Uma idéia que já ganha corpo é a de realizar no dia 1º a leitura do documento da Pró-CUT dentro das empresas, em assembleia e com paralização das atividades. Comícios nas portas das fábricas e passeatas até o local do ato são outras iniciativas para tornar a manifestação mais combativa.

Fiesp propõe "pacto social" que só interessa aos capitalistas

Um exército de operários de várias categorias, como os metalúrgicos, químicos, têxteis, gráficos, encontra-se em campanha salarial em São Paulo. Nos próximos meses os trabalhadores testam sua força contra os patrões por aumentos salariais e pelo fim das demissões.

É neste contexto que os patrões, através do seu órgão - a FIESP - falam num "pacto social". Têm o descaramento de propor que os trabalhadores abram mão de suas conquistas. Falam no fim do aumento da produtividade. E o pior: querem acabar com os 10% acima do INPC para os trabalhadores que ganham de um a três salários-mínimos. Voltam a falar também na redução da jornada de traba-

lho com redução dos já minúsculos salários. Por outro lado, ameaçam com milhares de demissões. No fundo é um "pacto" onde só ganham os capitalistas. Por que a FIESP não fala em estabilidade, nem em redução da jornada sem redução de salários?

ESTAR SEMPRE ALERTA

As recentes reuniões da FIESP com as Federações sindicais, que tem nas direções apenas pelegos, foram o meio que os patrões encontraram para facilitar que o "pacto" seja engolido pelos trabalhadores. E já é sentida no meio operário a defesa destas idéias. A direção do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo já divulgou no jornal da

entidade que está "disposta a trocar a produtividade pela estabilidade". E Luis Antonio, diretor do Sindicato, na primeira reunião da campanha salarial falou em estabilidade por um ano "ou até seis meses", em troca de aumentos salariais abaixo do custo de vida.

Os trabalhadores têm bons motivos para ficar vigilantes diante das manobras que jogam nas suas costas o peso do caos econômico criado pelos capitalistas. A melhor forma de barrar o desemprego não é pedir migalhas, ou ficar quietos. Ao contrário: a prática deste ano já mostrou que a luta de mobilização dos trabalhadores facilita as demissões em massa.



300 operários de Ribeirão Preto repudiam demissão na Tecomil

O operário Diolívino Marquetti trabalha na empresa Tecomil, de Sertãozinho, e também é diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Ribeirão Preto e Sertãozinho. Foi punido pelo Sr. Evano Galassi, dono da Tecomil, com suspensão de cinco dias, por ser um recordista em sindicalizações e não se deixar dobrar. O Sindicato, dirigido por Raimundo Guerreiro, realizou um ato de protesto com a presença de 300 operários. Também participaram o prefeito, o vice-prefeito e o presidente da Câmara de Vereadores da cidade, todos do PMDB. Resultado: o patrão ficou tão isolado que já promete suspender a punição. (da sucursal)

Na Paraíba os têxteis querem Sindicato contra o desemprego

Na Paraíba, o número de operários da indústria têxtil caiu de 3 mil para 1.500 somente este ano, devido às demissões. O governador biônico Tarcísio Burty insiste que "não há crise no setor têxtil", mas o clima entre os operários é de desespero. No último dia 31, uns 200 têxteis demitidos invadiram a sede do seu Sindicato pedindo que a diretoria tomasse providências. Muitos vinham atrás de comida para suas famílias. "Se continuar assim o remédio vai ser pedir ou roubar", disse na ocasião um demitido da Polynor. Outros propõem a criação de um Departamento de Desempregados no Sindicato e já se fala até em greve contra as demissões. O presidente do Sindicato, Benedito Marques, porém, parece mais preocupado em delatar uma suposta "infiltração esquerdista" no movimento. (da sucursal)

Em BH trabalhadores da Copasa conquistam delegado sindical

Numa das principais campanhas salariais já feitas pela categoria os empregados da Copasa (Cia. de Tratamento e Distribuição de Água e Esgotos de Belo Horizonte) conseguiram 6% de produtividade, ajuda de custo de 30% para quem ganha até dois salários mínimos e — o que é muito importante — delegado sindical com estabilidade em todas as localidades onde houver mais de 30 empregados. No último dia 7 de agosto a Associação dos Empregados passou a ser Sindicato e até 7 de dezembro deverão ser realizadas eleições. (da sucursal)

Macedo afirma que desemprego em Goiás não o incomoda

O ministro do Trabalho, Murilo Macedo, que esteve em Goiânia no dia 17, disse que o índice de desemprego em Goiás não causa preocupação. Durante entrevista coletiva, perguntado sobre como o governo resolveria o problema do desemprego, respondeu: "Já está resolvido" e, debochando da gravidade da situação, acrescentou: "Já temos inclusive uma bolsa de emprego pelo telefone". Quando perguntavam sobre as reivindicações tiradas na Conclat o ministro insistiu no cinismo: "Houve alguma reivindicação?" (da sucursal)

Jornalistas baianos denunciam a volta da censura de imprensa

A censura voltou a vigorar na Bahia depois dos recentes episódios de revolta popular e violência policial. Em nota à população, o Sindicato dos Jornalistas revelou que "jornais, rádios e televisões estão virtualmente censurados", divulgando noticiários diferentes das matérias preparadas. O Sindicato destaca que, "como empregados das empresas em que trabalham, embora subjugados, os jornalistas discordam das omissões e deformações dos veículos de comunicação social, que tudo estão fazendo para não desagradar as autoridades, sobretudo quando se trata da cobertura de manifestações populares". (da sucursal)

Rodoviários do Rio contra a roleta biônica e jornada longa

Os rodoviários do Rio de Janeiro estão em campanha salarial e em plena luta contra o desemprego. As assembleias do Sindicato reúnem uns 300 trabalhadores. Um dos pontos mais discutidos é a roleta biônica, que levaria ao desemprego em massa dos cobradores. Eles também se posicionam contra o T.U. (turno único) e pela jornada de 6 horas. No dia 1º de outubro os rodoviários participam do Dia Nacional de Luta Contra o Desemprego, saindo em passeata às 15 horas do seu Sindicato. Já se formou até uma comissão de luta contra o desemprego. (da sucursal)

Dia 27 metalúrgicos do Ceará iniciam sua campanha salarial

No dia 27 de setembro será realizada a assembleia geral dos metalúrgicos de Fortaleza. O Sindicato está realizando reuniões por fábrica com bom comparecimento. Os principais pontos de luta são: aumento real de salário; estabilidade no emprego; e redução da jornada de trabalho sem redução do salário. (da sucursal)

Greve na Santa Casa de Minas contra o fim da residência

Os 194 médicos residentes da Santa Casa de Belo Horizonte entraram em greve no dia 27 contra a extinção da residência decretada pela instituição. O Hospital alega que é entidade filantrópica, mas o grosso dos clientes é pago pelo INPS, Funrural e particulares. (da sucursal)

30 mil professores em greve desde o dia 14 no Paraná

Desde o dia 14 deste mês, cerca de 30 mil professores do 1º e 2º graus estão em greve no Paraná. No dia 19 mais de 2 mil fizeram uma passeata pelo centro de Curitiba, para declarar que não aceitam as propostas do governador Ney Braga, consideradas ridículas.

No Paraná há professores recebendo menos de um salário mínimo. A maioria está na faixa dos 11 mil cruzeiros, irrisória para quem dedica 8 horas por dia à educação. E os aposentados, por um decreto de Ney Braga, passarão a receber o mesmo que um professor que está ingressando agora na carreira, ou seja, 11 mil cruzeiros.

Os estudantes, interessados na melhoria do ensino, estão ao lado dos professores. A União Paranaense dos Estudantes Secundaristas decretou greve. Os universitários também apoiaram o movimento.

O governo Ney Braga fornece dados falsos à imprensa. Tenta jogar pais e alunos contra os professores. Os jornais locais são usados para fazer o jo-

go do governo. As emissoras de rádio de Maringá, Londrina, e a televisão do estado não dão notícias da greve. Os professores divulgam seu movimento através de comunicados entregues de mão em mão nas ruas e locais de trabalho.

POR UM ENSINO MELHOR

Os professores exigem um piso salarial de três salários mínimos e o pagamento das horas dedicadas à preparação das aulas. Pedem maior atenção para o trabalho de pesquisa educacional e a fixação de normas para a atividade dos especialistas. Querem ainda a democratização na escolha dos diretores, através de uma lista tripartite.

Esta já é a segunda greve de professores no governo Ney Braga. Eles não acreditam mais nas promessas de conciliação do governo. E estão dispostos a continuar a greve até que suas reivindicações sejam inteiramente atendidas.

(da sucursal)

Greve na Têxtil Matarazzo contra cachorrada patronal

"E eles pedem pra gente ter paciência. Dá vontade é de queimar toda a fábrica e ainda botar um deles na forca", desabafou um operário da têxtil Matarazzo, na Zona Leste de São Paulo, que entrou em greve no dia 18 por atraso de salário. "Por causa desta cachorrada eu perdi o cômodo de aluguel lá no Belém. O proprietário não teve dó: pôs no olho da rua eu, minha mulher e quatro filhos. A gente teve que ir pra casa de minha cunhada, um quarto-e-cozinha com mais três crianças".

Outro grevista, ainda mais revoltado, que trabalha há dois anos na seção de tecelagem sulzer, relata sua situação: "Eu estou com uma criança de dois meses em casa. O médico me deu quatro receitas de remédio e ainda me mandou comprar leite em pó, que está a 280 cruzeiros a lata. Só que não tenho um tostão no bolso, nem o dinheiro da condução pra voltar para casa. Já falei com o encarregado do setor que desse jeito eu vou começar a pedir esmola na porta da fábrica".

A Matarazzo está alegando crise no setor têxtil para atrasar o pagamento. Mas nenhum operário aceita a justificativa, tanto que a greve foi geral, todos os 500 operários pararam. Só o pessoal do escritório não aderiu ao



Braços cruzados na porta da fábrica

movimento, apesar de estar recebendo parcelado desde junho.

"Esse papo é furado. O dinheiro está faltando é pra nós e não pra Matarazzo. Ela tem 38 empresas e todo dia saem caminhões cheios de tecido. Ontem mesmo saíram quatro lotados. Eles dizem que é pra pagar as dívidas. Mas nenhum de nós quer saber de trabalhar para pagar a dívida deles!" — comentou um operário da casearia.

Patrões da indústria têxtil de Alagoas demitem em massa

A indústria têxtil de Alagoas está se extinguindo. Primeiro foram as fábricas do Rio Largo que foram diminuindo gradativamente a produção e o número de trabalhadores, até pôr na rua os últimos 300 operários e fechar as portas de vez. Nos últimos dias, foi a vez da fábrica Carmen, em Fernão Velho, pertencente ao poderoso Grupo Othon, dono de vários hotéis de luxo e usinas de açúcar. A empresa já despediu 141 dos seus atuais 300 operários e deve fe-

char ainda este ano.

"É a pior crise que a fábrica passou. Nunca vi coisa igual nos meus 40 anos em Fernão Velho. Desta a fábrica não escapa. O que eles (os patrões) querem é fechar a firma de uma vez". O comentário é do veterano militante sindical João Venâncio, que recorda bem o tempo em que a indústria têxtil era um pilar da economia alagoana.

"O pior — prossegue ele — é que a maioria dos companheiros não entende que a crise é geral, de todo o país. Muitos têm a ilusão de ir para São Paulo, esquecendo que até a TV diz que existem milhares de desempregados lá e fazem fila por umas poucas vagas".

O Sindicato, juntocom os demitidos, aprovou um vigoroso protesto contra as demissões. E vai processar a fábrica por querer desalojar os operários aposentados das suas casas.

(do correspondente)



Ao saber das licenças, os operários se concentram



Canavieiros vão testar suas forças contra os usineiros

Zona da Mata de Pernambuco pode parar no dia 27

No dia 27 de setembro os canavieiros da Zona da Mata de Pernambuco decidirão os rumos de sua campanha salarial. Neste mesmo dia foi decretada em 1980 a greve que parou mais de 200 mil trabalhadores e uniu 42 sindicatos na direção do movimento, conquistando vitórias. Agora, a exemplo da campanha passada, os canavieiros se unem para enfrentar a intransigência dos usineiros.

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco (FETAPE) já deixou clara sua posição: "Estamos dispostos a negociação, mas iremos firmes à greve caso os patrões sejam, mais uma vez, intransigentes. E os trabalhadores continuam, como nos anos anteriores, organizados e preparados para a greve, não aceitando as provocações dos patrões".

Esta posição demonstra o poder de força da FETAPE e dos 42 sindicatos da Zona da Mata, que durante os últimos meses mobilizaram e organizaram os trabalhadores para a possibilidade da greve. Um dos pontos altos deste trabalho foi a realização do 1º Congresso de Delegados Sindicais, em agosto, que contou com cerca de 400 delegados de base e discutiu a campanha salarial.

As reivindicações dos canavieiros já estão pautadas e aguardam resposta dos usineiros: aumento e unificação de salários (o índice de aumento será estabelecido nas próximas assembleias); manutenção e melhoria do dissídio coletivo do ano passado; sítio para lavoura de subsistência; auxílio-doença durante todo o ano; estabilidade para os delegados sindicais; garantia da tabela e combate ao roubo da vara e da balança.

VIOLÊNCIA NA MATA

Os usineiros, preocupados com a disposição dos trabalhadores, vêm tentando intimidar as mais destacadas lideranças. O próprio presidente do Sindicato patronal das Indústrias de Açúcar de Pernambuco, Gilson Machado, chegou a dizer que pedirá ao bando de jagunços do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) para conter a campanha salarial, e que seu alvo principal é a FETAPE.

Os patrões se acham donos de tudo. Os canavieiros ainda se recordam das barbaridades que eles cometeram na greve

(da sucursal)

40 policiais contra um posseiro de Pedreiras

No último dia 3 cerca de 40 policiais realizaram uma verdadeira operação militar, portando inclusive metralhadoras, para expulsar um único lavrador: Firmino José dos Santos, pai de oito filhos, morador há oito anos no município de Pedreiras, no interior do Maranhão. Os PMs, acompanhados do oficial de justiça Antonio Vicente Barros, não respeitaram nem mesmo a gravidez da esposa de Firmino; derrubaram sua casa e danificaram mais de cem pés de frutas. Aproveitando-se da ausência dos outros lavradores que se encontravam na roça, ainda

roubaram várias armas de caça dos trabalhadores.

O objetivo da ação é expulsar 400 famílias que lá vivem. Ela foi planejada pelo grileiro Etevaldo Martins Cunha, que se diz dono de 3 mil hectares de terra.

Os posseiros já decidiram resistir e contam com o apoio do Sindicato. O próprio presidente da entidade, Miguel Alves Dias, já foi ameaçado e tem mandado de prisão. Mas ele escreve e assina: "Se enganam aqueles que pensam que nós amedrontamos com violência e arbitrariedade".

(do correspondente)

Inventor da bomba de neutrons é a favor da carnificina nuclear!

A bomba de nêutrons entra em cena, indicando o perigo de uma terceira guerra mundial. Os EUA partem para a ofensiva contra a URSS, que promete reagir. Contra isto se levantam os trabalhadores, que não se deixarão matar em outra guerra imperialista.

É "inevitável" uma terceira guerra mundial com armas atômicas. O conflito será na Europa, um continente "muito propício" às guerras. Para "defender a propriedade privada", justifica-se o uso da bomba de neutrons.

O autor desta cínica pregação belicista é o cientista americano Samuel Cohen, inventor da bomba N, numa entrevista à revista alemã Der Spiegel.

Por sua vez, Leonid Brejnev já anunciou que a União Soviética pode a curto prazo produzir também a bomba de neutrons, "para manter o equilíbrio mundial".

INVESTIDA DOS EUA

A situação internacional tende a se agravar ainda mais com a ofensiva dos EUA, dirigida por Ronald Reagan, contra as posições da URSS em todo o mundo.

Para solapar as bases soviéticas no Atlântico Sul, os EUA insuflam as ações armadas da África do Sul contra Angola e Moçambique. E uma missão de alto nível dos EUA veio ao Brasil pressionar Figueiredo para mudar a política de "boas relações" com Angola.

Em El Salvador e na Nicarágua, os imperialistas americanos acentuam cada vez mais a intervenção militar para sufocar a luta dos povos e afastar a presença soviética.

Na Polônia os EUA apoiam o indicatô Solidarnosc para desestabilizar o governo e para agitar o sentimento contra a presença da URSS no Leste Europeu. Moscú já respondeu com um ultimato ao governo polonês, para que tome "medidas radicais" contra o Solidarnosc.

Na Líbia, a frota de guerra americana penetrou em águas territoriais e derrubou dois aviões líbios, como advertência contra a influência russa neste país.

A disputa das duas superpotências conduz a uma acelerada corrida armamentista. Elas gastam 1 milhão de dólares por minuto na produção de armas. Com a bomba de neutrons, os EUA pretendem também obrigar a URSS, com menores recursos, a apertar seu orçamento econômico.

OS POVOS REAGEM

Enquanto os imperialistas tratam da guerra, a classe operária e os povos tratam da revolução e de impedir a guerra. Em cada país, avolumam-se as lutas entre os explorados e os exploradores e a luta contra a dominação imperialista. Crescem também as manifestações contra a atividade belicista das superpotências.

No último dia 13, cerca de cem mil pessoas protestaram nas ruas de Berlim Ocidental contra a instalação de armas nucleares em território alemão. A manifestação foi por ocasião da visita do general americano Alexander Haig, que foi tratar desse assunto com o governo de Helmut Schmidt.

Dentro dos EUA, no dia 19, mais de 250 mil trabalhadores fizeram uma manifestação contra a política econômica de Reagan, que corta os gastos sociais em favor das despesas com armamento.

Dentro das próprias potências capitalistas, a burguesia não está tranquila. Sente que os trabalhadores não estão dispostos a se deixarem matar em outra guerra imperialista. E que uma aventura belicista pode se transformar num estopim para a saída revolucionária da crise.

Aonde vai a revolução no Irã?

O professor francês Abraham Behar, presidente do Comitê de Apoio à Revolução Iraniana, esteve no Brasil em agosto-setembro, visitando São Paulo, Curitiba, Salvador e Rio de Janeiro e apresentando várias palestras sobre questões da atualidade mundial. Iniciamos aqui a publicação, em duas partes, de um artigo de Behar apreciando os tumultuosos acontecimentos no Irã.

Muitas questões se colocam quando se vê do exterior a República Islâmica do Irã. Por que a repressão clerical se volta agora contra os revolucionários e não contra os partidários do xá? O que significa a agressão iraquiana? De que lado estão as massas? O que faz a classe operária? Para responder a estas questões é preciso retomar a história da revolução naquele país.

Uma revolução feita pela esquerda mas dirigida pelo clero

O Irã conheceu um "milagre industrial", análogo ao "milagre brasileiro", com a implantação de numerosas indústrias em torno dos campos petrolíferos. Seus beneficiários foram os monopólios imperialistas, a alta burguesia iraniana e sobretudo a família do xá. Mas logo a capacidade do tirano ultrapassou as medidas. Uma falsa reforma agrária expropriou uma massa considerável de camponeses, que se amontoaram em torno das cidades.

Ao mesmo tempo, a polícia política, a Savak, destruiu com notável eficácia as formas organizadas do movimento operário e camponês e dizimou os revolucionários. O único jornal clandestino que conseguiu sobreviver dentro do país, ao preço de pesados sacrifícios, foi Toufan, órgão dos marxistas-leninistas.

Não existia portanto uma força política eficaz na direção do povo. Já nestas condições que ocorreu a explosão política do clero, já que somente as mesquitas e as preces de sexta-feira serviam de meios para fazer oposição. Quando a Savak se voltou contra o clero, estavam reunidas as condições para que o descontentamento popular se transformasse em revolta.

Quem transformou a revolta em insurreição armada e derrubou o xá foram essen-



O professor Abraham Behar

cialmente duas organizações revolucionárias "Islâmicas de esquerda": os Moudjahidins e os Fedayins. Assim, foi uma revolução dirigida pelo clero e pela burguesia liberal, mas que teve como braço armado o movimento de esquerda.

Isto explica, primeiro, o rápido recrutamento pelo clero de bandos armados, os Guardiães da Revolução, que servem também para reprimir e assassinar militantes de esquerda. E, segundo, o compromisso de cúpula entre os religiosos e a burguesia liberal.

Um imenso caldeirão onde fervilham as idéias avançadas

A revolução iraniana representou uma colossal derrota do imperialismo, e muito particularmente dos Estados Unidos. Por isso foi saudada e apoiada pelo movimento operário e progressista mundial. A derrubada de um ditador fascista por meio da insurreição despertou imensas esperanças nos povos, sobretudo no Oriente Médio.

Os leitores da Tribuna conhecem o corajoso combate da revolução iraniana contra o agressor imperialista ianque e seus testas-de-ferro iraquianos. Mas é preciso insistir na extraordinária mobilização popular que se deu para aprofundar as conquistas políticas da revolução. A classe operária, em particular os petroleiros, re-



Khomeini e seus mollahs: sua estratégia é a mais dura repressão aos revolucionários

ABC do socialismo

O Partido Comunista do Brasil, vitória do movimento marxista

Em 25 de março de 1922 nasceu o Partido Comunista do Brasil. Surgiu sob o impulso do movimento operário de massas e da vitória da revolução socialista na Rússia. Foi fundado por apenas 9 delegados, representando 70 militantes comunistas.

Com o desenvolvimento do capitalismo, depois da I Guerra Mundial, a classe operária cresceu e as lutas de classes se tornaram mais acirradas. O movimento social colocou na ordem do dia a necessidade de um partido operário de vanguarda. As concepções anarquistas, até então dominantes, revelavam-se incapazes de dar uma direção revolucionária ao proletariado.

Todas as organizações operárias até então eram locais, sem objetivos definidos e sem unidade. O PC do Brasil era o primeiro de âmbito nacional, com o objetivo socialista, declaradamente marxista e internacionalista.

CONSTRUÇÃO DIFÍCIL

A difusão do marxismo era ainda muito reduzida. A construção do Partido foi uma luta árdua contra as concepções pequeno-burguesas e anarquistas, e peia assimilação do socialismo científico, mesmo nas próprias fileiras do Partido. Nos primeiros tempos, o partido limitou-se a divulgar a doutrina marxista, sem conseguir aplicá-la à realidade e formular uma política ligada às exigências do movimento de massas.

CONTRA O ANARQUISMO

Os anarquistas rejeitavam a luta política e em particular a luta parlamentar, considerada burguesa por eles. Nos sindicatos, limitavam-se à luta econômica. Pretendiam preparar as massas para liquidar o capitalismo de um só golpe, através de uma greve geral insurrecional. Caiam no aventureirismo ou no reformismo. O Partido Comunista lutava para traçar uma política de frente única, baseada na aliança operário-camponesa, sob a direção da classe operária.

13 de maio de 1981
Toufan
Hefse Neme
Organização Central do Partido Comunista do Brasil

"Sal Cation" e "Cation" - Mektibi ha

Eleições - 13 de maio de 1981

Revista - 13 de maio de 1981



Destacamos neste número a carta de uma funcionária da Imbrasmetal, de Goiás, demitida porque estava grávida. Ela mostra, de forma simples e tocante, o quanto a mulher é perseguida e humilhada na sociedade em que vivemos. Depois de lê-la, ninguém poderá dizer em sua consciência que homens e mulheres têm os mesmos direitos. Afinal, são elas obrigadas a ouvir as cantadas do chefe para não serem demitidas, ganham menos, não tem direito a ter filhos, etc.

Junto com essa, recebemos uma outra correspondência, com questões sobre o movimento de mulheres, que procuramos responder da melhor forma possível. Ambas as cartas, além de outras assinadas por mulheres, mostram que a questão da mulher está em evidência. Um importante sinal de avanço do movimento popular e democrático. Escrevam, companheiros! Contribuam para que esta seção seja realmente do povo. Afinal, as mulheres representam 50% da população...

Destacamos ainda uma carta de Zé Doca, no Maranhão, que junto com outras providas de diversos estados mostra as péssimas condições de vida da população e denuncia um problema que vem tomando vulto: moradia. Fala o Povo retrata cada vez melhor os problemas que a população enfrenta. Seja você também um correspondente! (Olívia Rangel)

TRIBUNEIROS DE BROTAS — BAHIA

Amigos da Tribuna se organizam em grupo

Vários moradores do bairro de Brotas, amigos da TO, que vendiam e apoiavam o jornal isoladamente, resolveram se juntar e formar um grupo, que passou a se chamar **Grupo de Tribuneiros de Brotas**.

O bairro de Brotas é bastante populoso e constituído de trabalhadores de diversas categorias, que na sua grande maioria habitam conjuntos residenciais, verdadeiros viveiros construídos pelo BNH.

Como todo nosso povo, os moradores do bairro de Brotas, trabalhadores explorados e cada vez mais oprimidos, carentes das mínimas condições de sobrevivência, sabem da necessidade de se organizar e lutar contra o descaso das autoridades diante dos problemas que o povo enfrenta. Por isso é que nos organiza-

mos como grupo de tribuneiros, para entrar firme na luta pelo fortalecimento e expansão da **Tribuna Operária**, pois compreendemos o papel que joga esse jornal como orientador e formador de corrente de opinião. Composto inicialmente por 10 pessoas, o grupo tem como tarefa: promover a ampla divulgação do jornal através de pizações, colagem de cartazes; realizar mutirões de vendas diretas, venda de assinaturas, promover discussões, palestras e debates. Além disso, desenvolvemos diversas atividades dentro da Campanha Raimundo Lana, para conseguir que a TO, além de passar a semanário, alcance logo uma tiragem de 100 mil exemplares. Viva a imprensa operária de massas! (Grupo de Tribuneiros de Brotas — Salvador, Bahia).



Os camponeses já soltos graças ao apoio da população

CAMPONESES DE TAITÉ — BAHIA

PM reprime camponeses em terras devolutas

Em Taité, Bahia, no dia 6 de agosto, quando 19 camponeses trabalhavam na roça plantando feijão e outros produtos, foram surpreendidos por 40 soldados da PM.

Os soldados prenderam e amarraram os camponeses colocando-os num curral da fazenda do sr. Osvaldo Brito. Depois os camponeses foram deslocados para Irmaia, onde ficaram 30 minutos numa garagem da casa do Preto. Os presos vieram para Jequié, uma cidade distante, com estrada ruim, numa viagem de 6 horas. E chegando em Jequié ficaram presos num cubículo, sem água, alimentação nem condições de dormida. Só por volta de meio dia do dia 7 é que o presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura telefonou para o Dr. Juraci Novato, nomeando-o advogado dos camponeses. Com isso, todas as entidades da cidade ficaram sabendo do ocorrido, procurando apoiar fornecendo lanche, café, água, cobertor, etc.

As 14:30 hs. foram liberados os camponeses, depois de 52 horas de prisão. Em seguida foram todos em grupo — à Paróquia de Nossa Senhora das Graças, onde foi servido um almoço. Depois fizeram uma reunião de esclarecimento dos motivos das prisões e do assunto da posse das terras na fazenda de Murilo Leite. Os camponeses frisaram que as terras são devolutas e que o motivo da insistência em permanecer lá foi o incentivo do prefeito de Taité.

Diante dos problemas que os brasileiros enfrentam com esta ditadura militar concentrando as terras nas mãos de uns poucos que também concentram as rendas, causando inflação e desemprego, fome, doenças e marginalização, os operários, seja do campo ou da cidade, partem para as terras livres, não importando que sejam devolutas, como solução para não morrerem de fome. (Waldemiro — Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jequié, Bahia)

Patrão joga na rua trabalhadora gestante

Patrão canta funcionárias. Mas vira moralista quando uma delas engravida

Depois de três anos de trabalhos prestados à firma Imbrasmetal S/A, Indústria Brasileira de Metais, fui demitida por estar gestante.

A partir do dia em que me dirigi ao superintendente Paulo Nasciotti dizendo a ele o meu estado, sua reação foi de desprezo, me dizendo que não poderia mais me como funcionária da empresa, pois uma mãe solteira prejudica o bom nome desta, bem como de seus diretores.

Desde então não pude mais receber ou fazer ligações. Deixaram de falar comigo; comecei a encontrar sapos e lagartos no meu lixo, que fica ao lado da mesa. O sr. Roberto Nasciotti, presidente da empresa, teve a capacidade de me mandar limpar sua mesa, seus cinzeiros e cesto de lixo. Ao fazer tal tarefa, encontrei uma bombinha, que explodiu na minha mão. Ele sorriu, deu gargalhadas, dizendo que eu estava dando "fricote". Tive que procurar uma carona que me levasse ao médico, pois essa "brincadeirainha" teve como consequência um princípio de aborto.

Isso serviu para que as coisas piorassem ainda mais. A cada dia me humilhavam mais, me forçando a pedir a conta. Assim, eles não me pagariam praticamente nada. Mas por necessidade, fui tolerando. Davam trabalhos para eu fazer depois do expediente e nem sequer se preocupavam como eu iria embora. Não tenho veículo e a empre-



sa fica a 10 kms da cidade. Antes de minha gravidez, sempre tinha um ou outro diretor a me levar. Aí aproveitavam para me cantar, oferecendo uma boa grana.

São pessoas que por ter dinheiro acham que compram tudo. Acham que as secretárias são para tudo, principalmente para satisfazerem sexualmente. E isso se dá com todas as funcionárias; só que elas se calam pois do contrário são demitidas.

Ao primeiro mês de gravidez colocaram outra em meu lugar. Com mais de 30 dias de trabalho

resolveram me demitir por justa causa. No mesmo dia recorri as leis, fiz a reclamação no Sindicato dos Metalúrgicos de Goiânia e até hoje não tive nenhuma solução. E nem sei quando vou ter, porque o sindicato, o representante da lei, ficam ao dispor do empregador, dando-lhe sempre toda cobertura, sem se preocuparem se o empregado come ou não, paga aluguel ou não, etc.

(Rosa — ex-funcionária da Imbrasmetal - Goiânia, Goiás).

RESPOSTA À LEITORA — PERNAMBUCO

A mulher luta por seus direitos e também contra o regime militar

Gostaria muito que vocês me esclarecessem algumas coisas em relação ao movimento de mulheres. Por exemplo: a gente sabe que atualmente ele está dividido. Existe um grupo de mulheres que travam uma luta em cima das bandeiras específicas: sexualidade, legalização do aborto, etc. E existe outro que se preocupa com as bandeiras mais gerais: melhores condições de vida, trabalho, saúde, habitação, transportes, etc. Minha preocupação é não estreitar nem para um lado nem para outro. Eu não nego a importância das bandeiras mais gerais. Mas acho que a legalização do aborto deve ser levantada também agora, principalmente se a gente leva em conta que aborto é um problema social. Gostaria de ouvir a opinião de vocês.

(Amiga da TO - Recife, Pernambuco)

Resposta da Redação - Cara companheira: Sua carta na realidade coloca duas questões: 1 — O que é mais importante hoje no movi-

mento de mulheres: as bandeiras específicas ou as gerais? 2 - É justo lutar pela legalização do aborto hoje? Vamos responder por partes.

É justa sua preocupação de que o movimento de mulheres não fique apenas com bandeiras específicas ou apenas com as gerais. Se tratamos apenas de sexualidade, aborto, direitos da mulher, etc., perdemos o rumo geral deste movimento. A luta das mulheres têm hoje um caráter claramente de oposição ao atual regime, ao governo militar. Se não deixamos isso bem claro, o movimento corre o risco de ser manipulado pelas forças reacionárias ou, na melhor das hipóteses, ele não terá nenhum efeito. Por outro lado, se tratamos apenas das questões gerais, não conseguimos atrair as massas de mulheres, já que não estaremos tratando dos problemas que as afligem no dia a dia. Portanto, o movimento feminino precisa ter palavras de ordem que chamem as mulheres para a luta, como direito ao traba-

lho, contra a violência sexual, o direito de dispor do próprio corpo, etc. Mas essas reivindicações devem estar apoiadas nas questões políticas gerais da emancipação da mulher.

Quando à questão da legalização do aborto, achamos que no momento essa bandeira, embora importante, não é prioritária. Isso devido às tentativas do regime militar de implantar o controle de natalidade. Essa bandeira, tomada de forma isolada, poderia reforçar a proposta dos militares. Por isso, no momento, precisamos centrar fogo na luta contra a implantação do controle de natalidade. Além de representar uma ingerência do imperialismo ianque no Brasil, a proposta do controle da natalidade elaborada pelo FMI também tripudia sobre os direitos da mulher: ela não fica com o direito de decidir os filhos que quer ou não quer ter. Se você ainda não ficar satisfeita com a resposta, volte a escrever. Um abraço.

MORADORES DO COQUE — PERNAMBUCO

Legalização da terra é exigência de 700 moradores em passeata

No dia 19 de agosto, cerca de 700 moradores do bairro do Coque, a 5 km. do centro de Recife, realizaram passeata até o Palácio do Governo, portando faixas e cartazes exigindo do governador Marco Maciel o cumprimento da promessa de legalização da posse da terra feita pelo general Figueiredo em 1979.

Para permitir a passagem do trem elétrico, que o governo batizou de metrô de superfície, querem remover, ninguém sabe para onde, nada menos que 800 famílias! E mais 109 também estão ameaçadas de expulsão para permitir obras da prefeitura.

No bairro tem um barracão da prefeitura com encarregados das obras. Os

técnicos não dizem nada claro ao povo sobre o que vai acontecendo com as famílias que são removidas. O mesmo faz a rede ferroviária. Por isso tudo os moradores resolveram sair em passeata exigindo o cumprimento da promessa feita.

(M.A.S. — Recife, Pernambuco).

PEDREIRAS — MARANHÃO

Tentou matar cidadão e está solto!



Me dirijo a este corajoso jornal para denunciar um caso que se passou comigo na minha cidade natal — Pedreiras. Sou um trabalhador humilde e atualmente estou trabalhando na cidade de Santa Inês.

Em virtude de desavença entre mim e minha esposa, estávamos discutindo na nossa casa quando fomos abordados pelo prefeito da cidade e por seu primo, conhecido como "Riba Corinto". Depois de serenados os ânimos, não é que aparece o "Riba", acompanhado por vários policiais e me prenderam? E como se tudo isso não bastasse, quando fui solto o "Riba Corinto" estava me esperando numa esquina com um revólver para me matar! O crime só não ocorreu por eu ter me refugiado em uma casa e minhas irmãs terem enfrentado o agressor.

Diante disso, como pode ele estar solto? Só há uma explicação. A justiça tem dois pesos e duas medidas. Passo então a ver mesmo que nos da pobreza vivemos nesta situação de intransigência porque não temos um governo que nos defenda. De hoje em diante vou lutar para mudar este governo. (R.P.F. — Pedreiras, Maranhão).

POESIA DO RIO DE JANEIRO

Povo tem fome e querem exportar teu leite, Pátria!

Ó Mãe Pátria Brasileira
Com teus seios a estourar
Os teus filhos estão chorando
Prá no teu seio mamar.

Estão tão cheios teus seios
Que até com febre estás
Grite, ó Pátria, e não te cales,
Teus filhos querem mamar!

Teu algoz já se aproxima
Prá teu seio desleitar
Estás com os seios tão cheios
Até com febre já estás!

Reclame, ó mãe, grite, exija!
Teus filhos estão a chorar
É teu leite que lhes negam
Já falam até em exportar

Grite, ó Pátria e não te cales
Pois querem a ti desleitar
Querem exportar o teu leite
Que vergonha nacional!

Que juntem todos os teus filhos
Unindo as vozes a gritar
Abaxe o preço e congele
Para as crianças mamar!

(Poesia de uma integrante do Movimento Contra a Carestia de Favela Indiana, Rio de Janeiro).

MORADIA — RECIFE

Casas da COHAB caem em cima dos moradores

A irresponsabilidade da Secretaria de Habitação do Governo do Estado de Pernambuco colocou em sério risco a vida de uma família inteira: no dia 30 de agosto, às 15 hs., desabou o telhado da metade da casa nº 160 da rua das Flores, Vila UR-10 (Dois Rios), em Recife.

Na casa moravam dona Edna Lúcia Gomes e seis filhos menores, que por sorte não foram atingidos pelo desabamento. Este é o terceiro caso de desabamento de telhado na UR-10, sem que a Cohab tome qualquer providência! As empreiteiras que constroem as casas da COHAB ficam com altas somas, seus donos ficam ricos, compram fazendas, viajam à Europa, enquanto o povo é obrigado a morar em casas mal construídas e sem segurança. E a Cohab nada faz porque a corrupção é grande...

A Vila UR-10 tem pouco mais de 5 anos de existência e muitos problemas. O mais importante deles no momento é o das fossas estouradas, que escorrem água contaminada pelos quintais das casas e pelas ruas. Os moradores estão organizando um movimento junto à Prefeitura para solucionar este problema. Está correndo um abaixo-assinado de casa em casa, para ser entregue ao prefeito, exigindo providências. (C.C.F. — Recife, Pernambuco).

PERIFERIA — PERNAMBUCO

Povo de Pirapama come o pão que o diabo amassou

Os moradores do bairro de Pirapama, no Cabo, na mesma situação dos moradores de Charneca, Bairro de São Francisco, Malaguães e Alto do Cruzeiro, encontram-se numa situação de revolta em fase do abandono a que estão submetidos por parte da administração municipal. Esta utiliza os impostos pagos pela população em atividades estranhas aos interesses do povo, consequência da corrupção desenfreada do prefeito do PDS.

Além da ausência de infra-estrutura básica, como asfalto, saneamento, etc., estes moradores estão sujeitos a poluição ambiental que atualmente encontra-se numa fase insuportável, tendo destruído toda condição de vida aquática do rio Pirapama. Tal situação é provocada pelos despejos da usina Liberdade e fábricas localizadas nas margens do rio, como Plagon, Rhodia e Coperho. A poluição chegou a um nível tão alto que apodreceu toda a água do rio, exalando um forte mau cheiro. Isso afeta também os moradores da nova vila da Cohab, com aproximadamente 20 mil habitantes, ocasionando doenças respiratórias em muitas pessoas, principalmente crianças.

Outro problema sério enfrentado pela população de Pirapama e outros bairros é o dos transportes coletivos, absurdamente precários, com altos preços, fazendo com que trabalhadores, donas de casa e estudantes atrasem em horas seus compromissos rotineiros.

Na fase atual de luta por melhores condições de vida, contra o desemprego a carestia, pela derrubada do regime militar e a convocação de uma Constituinte, torna-se de extrema importância uma aliança mais profunda do povo com aqueles que se identificam com suas lutas, tendo uma contribuição importante às eleições do próximo ano, visando a derrota dos candidatos divorciados da luta do povo, instalados principalmente no PDS e a maioria dos candidatos mais combativos, ligados ao PMDB local. (Grupo de apoio à TO no Cabo — Pernambuco).

GOVERNADOR TROMBADINHA QUER SER PRESIDENTE

O homem que foi condenado pelo Supremo Tribunal Federal a devolver o dinheiro público gasto irregularmente está falando em ser presidente da República. Este homem é Paulo Salim Maluf, governador de São Paulo sem ter recebido nenhum voto em eleições diretas.

Em 1970, quando era prefeito de São Paulo, Maluf doou um Volks para cada membro da delegação da seleção brasileira de futebol. O presente foi feito em nome pessoal, mas usou o dinheiro dos cofres públicos para pagar os carros. Agora o governador paulista vai ter de devolver todo este

dinheiro com juros e correção monetária.

Passados onze anos, Paulo Maluf já não se preocupa em agradar jogadores da seleção, mas sim políticos (prefeitos, vereadores e deputados) que poderão servi-lo na sua escalada à presidência da República. Além de uma enxurrada de medalhas distribuídas a seus aduladores, Maluf viaja pelo Brasil todo. Oferece dinheiro no sul e ambulâncias no norte. No Nordeste prometeu "acabar com a seca" e em São Paulo já fala em construir igrejas. Mas para o povo, continua sendo "Maluf, o trombadinha".

Com este tipo de atuação, o governador de São Paulo já tem como amigos pelo menos 200 dos 214 deputados federais governistas. Isto tem sido muito útil a Maluf. Recentemente o deputado Hélio Duque, do PMDB do Paraná, acusou a "bancada malufista" de impedir a Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Corrupção de investigar o caso Lutfalla. O escândalo Lutfalla ficou famoso na década passada, quando o governo jogou 400 milhões de cruzeiros nesta empresa falida. Maluf é casado com a filha do maior acionista do grupo Lutfalla.

Para o deputado Caio Pompeu de Toledo, o governador "não conquista, compra adesões". Mas nem todos são comprados. Em Avaré, interior do Estado, a Câmara Municipal recusou a idéia de instalar um busto do governador na praça da cidade. Em Piquete, no Vale do Paraíba, o prefeito disse que se o governador aparecer por lá será malhado pela população como Judas no sábado de Aleluia.

E o povo já vem mostrando há tempo sua antipatia por este homem. Em 1970, na época mais negra da repressão, Maluf já era vaiado por 100 mil pessoas no estádio do Morumbi. Por quase todos os lugares onde apareceu durante o seu "governo de integração", levou



Prefeito puxa-saco do PDS beija a mão de Paulo Maluf, sob os aplausos dos governistas

vaia e protestos. Só foi aplaudido por uma multidão: foi em maio de 1979, quando os funcionários públicos em greve fizeram seu enterro simbólico. Na cerimônia da Semana Santa em Nova Jerusalém, Pernambuco, a multidão, quando viu Maluf, gritou bem alto: "Soltem Cristo e Barrabás e prendam o Maluf!"

Maluf gosta muito de dar banquetes. Quando era prefeito, mandava importar

peixe da Escócia para preparar o seu prato predileto, o "fillet de Haddock".

Em seu último aniversário, em setembro, mostrou toda a sua ostentação: havia 177 garçons para servir os 2.400 convidados. A festa durou 16 horas e ficou em quase 10 milhões de cruzeiros. Para o assessor de Maluf, Calim Eid, "essa é uma despesa sem qualquer importância para o Estado".

Malufinho já malufava bem!

Uma característica que Maluf possui desde criança é a vaidade. Quando estudava no Colégio São Luis vivia brigando com seus colegas para carregar o pavilhão da escola nos desfiles. Em 1950 entrou na Escola Politécnica para fazer engenharia. Nesta época já estava incumbido pela família de fazer política na escola.



em eleição direta, nunca passou de representante de classe.

Foi escolhido presidente da Caixa Econômica Federal de São Paulo graças ao apoio do Delfim Neto, em 1967. Mais tarde doou um famoso colar de esmeraldas à

esposa do presidente Costa e Silva e em troca foi indicado prefeito de São Paulo. Deixou a Prefeitura com um rombo de 400 milhões de cruzeiros. Em 1978 chegou a pagar 5 milhões de cruzeiros a delegados da Arena, para que votassem em seu nome, e assim foi escolhido governador.

Numa entrevista na TV Globo, em agosto último, afirmou com seriedade: "Pode existir no mundo alguém tão honrado quanto eu, mas mais honrado do que eu, isso eu duvido". Para explicar esse caso, o médico carioca Nelson Senise o classificou clinicamente como "paranoico".



Manifestação de posseiros do Araguaia mostra um nível de consciência em rápido crescimento.

Onda repressiva agrava clima tenso no Araguaia

Continua a tensão provocada pelas forças repressivas em São Geraldo do Araguaia. Uma comitiva de parlamentares opositores foi abordada dia 11, ao chegar na área, por um soldado da PM que exigiu seus documentos. Efetivos da Polícia Federal e do Exército prosseguem sua ofensiva na mata, enquanto os grileiros se assanham e a Polícia Militar investe contra os posseiros.

O PM que abordou o senador Teotônio Vilela e os deputados federais Jader Barbalho e Cristina Tavares informou que todas as pessoas que desembarcam em São Geraldo têm que se identificar, por ordem de um major. Os visitantes constataram, ouvindo os moradores, que as acusações forjadas contra os padres Aristides Camio e Francisco Goriou foram obtidas às custas de pressões sobre lavradores. Pelo menos três foram torturados.

TERRA QUENTE

É mais uma tentativa de abafar a luta pela terra na explosiva região do Araguaia. Esta luta teve um primeiro aguçamento no início dos anos 70 e na época da Guerrilha. Depois que o Exército aniquilou o povo da mata, seguiu-se uma fase de "paz", mais semelhante à paz dos cemitérios. Mas o movimento camponês voltou a crescer. Já faz uns dois anos que os grileiros não têm paz.

Quando a luta se acendeu e o INCRA mostrou que não vale nada, o governo resolveu criar o GETAT, com a mesma função de segurar os posseiros. Mas a política de panos quentes do GETAT também não deu o resultado desejado. Em São Geraldo e outras áreas, os lavradores não aceitaram o módulo de 10 alqueires. Disseram que eles mesmos cortavam seus lotes. Houve até uma reunião, muito tensa, com dois coronéis do Conselho de Segurança Nacional. No final, o governo teve que ceder. "Eles que não são doidos de cortar só 10 alquei-

res!" — comentou um posseiro.

DEMAGOGIA POR TERRA

Com isso, a luta cresceu ainda mais. Em coisa de dois anos, os agricultores conquistaram 250 mil hectares de terras, já cadastradas.

O governo, temeroso, usou o major Curió, com favores e demagogia, para enganar muita gente na região. Mas a mentira tem pernas curtas. O prestígio do Curió veio abaixo em maio, na campanha do candidato-grileiro ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição. Em São Geraldo a chapa do Curió teve 7 votos, contra 83 para a oposição. Curió saiu desmoralizado.

CHOQUE COM A FEDERAL

O conflito tornou-se mais sério em agosto. Segunda-feira, dia 10, agentes da Polícia Federal participam da queima da casa de um lavrador, envolvendo-se diretamente na luta. Quinta-feira 13, caem numa tocaia. Dois PFs saem feridos. É a primeira vez que isso acontece.

Logo em seguida, aviões da Força Aérea começam a desembarcar centenas de homens da Polícia Federal e do Exército. A operação de desarmamento e intimidação dos posseiros abarca uma área enorme, desde São Geraldo até Marabá, no Pará, e o Bico do Papagaio, em Goiás.

O alvo da investida são os posseiros. Porém a Igreja local também é atingida. Dois

padres são presos. O coronel Passarinho, em nome do governo, investe contra ela da tribuna do Senado. Foi um ataque traiçoeiro, com segundas intenções, que, segundo consta, vão até a intervenção federal no Pará para garantir seu feudo político.

MAJOR QUE REZA MISSA

Ao mesmo tempo, em São Geraldo, a Polícia Federal convocava uma missa. Mandava suspender as aulas. Arrumava caminhões para levar o povo. Chega na hora, quem sobre ao púlpito é um major, que começa uma pregação reacionária e proibe o bispo Dom Patrik José de se manifestar. Dom Patrik se retira em protesto.

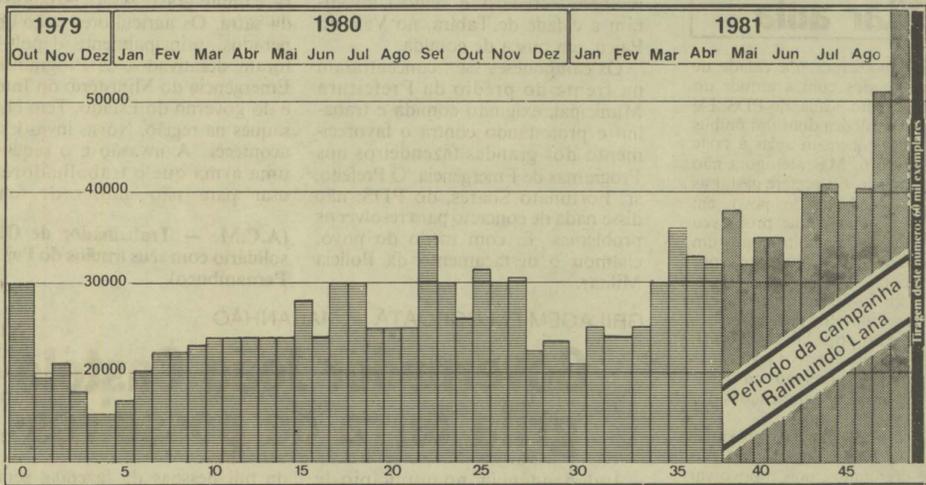
GRILEIROS ASSANHADOS

Diante disso, chega a ser ridículo culpar os sofridos moradores daquela terra pela radicalização que efetivamente existe. Mais ainda porque se sabe que, com a ofensiva das forças policiais e militares, os grileiros andam todos assanhados, querendo recuperar terreno. Um deles, em Perdidos, já está cercando um porto que antes não ousava tomar para si. Na fazenda Tupã-Cereté, em Xinguara, informa-se que apareceram 200 policiais para expulsar 400 famílias que há muito residem na terra.

QUEM RADICALIZA

A radicalização não vem do povo do Araguaia. O que vem deles é a resistência, mais que compreensível, pela posse da terra. É a luta por preços justos para sua produção. É a resposta legítima ao grileiro e ao jagunço, ao terror e às prisões que infernizam sua vida.

A radicalização vem dos poderosos e das autoridades, os únicos culpados pela tensão que reina na região.



O gráfico mostra a tiragem da Tribuna, número por número, desde seu lançamento até a Campanha

Balanco da Campanha mostra o vigor da imprensa operária

No número 38 da Tribuna, que lançou a Campanha Raimundo Lana, lançamos o desafio de "dar um salto de qualidade" no jornal. "E vamos fazer isso" - dizíamos - "com a ajuda dos operários, do povo, dos democratas brasileiros". Nestes quatro meses, publicamos em cada número os fatos e números da campanha. E agora apresentamos o balanço final, para o leitor julgar junto conosco o êxito que ela representou.

TRAGEM DE 60 MIL!

O maior sucesso neste esforço conjunto de muitos milhares de simples trabalhadores foi dobrar a tiragem do jornal. Alcançamos a meta dos 60 mil exemplares, graças sobretudo à venda de mão em mão, nas empresas, nos bairros da periferia, nas feiras, nos povoados. Ao mesmo tempo, a colocação em bancas, antes muito reduzida, mais que quadruplicou. Só a Tribuna apresenta resultados assim, num momento em que a crise aperta toda a imprensa, alternativa ou não.

FALTA UM PARA 4 MILHÕES

A meta em dinheiro não foi plenamente atingida. Faltou mais um pouco de garra para organizar o apoio financeiro, na classe operária e nos meios democráticos em geral. A venda de assinaturas, o ponto fraco da campanha, ficou bem abaixo dos 3 mil planejados.

Mas conseguimos 79,5% da meta, e sem contar várias contribuições em espécie, como uma vaca magra em Goiás que espera o tempo das águas para engordar e ser vendida, ou um terreno a ser rifado em Cuiabá. A arrecadação teve um caráter marcadamente popular, que salta aos olhos nas prestações de contas que publicamos. Mesmo assim é preciso insistir na busca de maior apoio operário para o jornal. Assim, mesmo nas finanças podemos dizer que o resultado foi bom.

ALAGOAS LEVA A TAÇA

O pequenino e bravo estado de Alagoas venceu o concurso entre as sucursais da Tribuna para ver quem faria melhor campanha no conjunto. Não só foi quem mais mandou dinheiro, como também multiplicou as vendas, de 1.250 para mais de 3 mil exemplares. A Bahia, segunda colocada, leva o troféu de maior vendedora de assinaturas — 399. São Paulo, coração da classe operária, destacou-se na venda dentro das

fábricas. Numa só metalúrgica da Zona Oeste, com 1.500 operárias, a rede de vendedores da Tribuna coloca em média 160 jornais. E só Joel Batista vendeu dentro da Mapi cerca de 70 jornais por edição! A maior venda em porta de fábrica é no Estado do Rio, na Siderúrgica Nacional, de Volta Redonda — 80 jornais por número. Demos também um prêmio pelo trabalho jornalístico da Sucursal de Goiânia. E a recor-

dista na venda de assinaturas é a mineira Maria Luisa Vasconcelos.

Este resultado cria as condições mínimas para a Tribuna semanal. Já no início de 1982 ela deverá estar na praça. E continuará contando — estamos certos — com o apoio infatigável dos operários, dos homens e mulheres do povo que dão valor à sua imprensa.

O Conselho de Direção

Arrecadação em cada estado

ESTADO	Assinaturas		CONTRIBUIÇÕES E PROMOÇÕES (Cr\$)	TOTAL (Cr\$)
	simples	apoio		
Alagoas	33	13	485.260,00	520.760,00
Bahia	274	124	200.000,00	461.000,00
São Paulo	47	102	209.821,00	335.341,00
Minas Gerais	45	121	146.841,00	290.341,00
Rio de Janeiro	22	20	159.388,00	190.388,00
Paraíba	69	64	60.500,00	159.000,00
Rio Grande do Sul	?	?	130.000,00	130.500,00
Pará	10	45	71.000,00	121.000,00
Maranhão	25	15	92.888,00	120.388,00
Ceará	?	?	112.000,00	112.040,00
Goiás	8	10	75.000,00	89.000,00
Mato Grosso	7	3	69.876,00	76.376,00
Pernambuco	2	30	23.400,00	54.400,00
Distrito Federal	?	?	42.000,00	42.000,00
Amazonas	15	—	4.350,00	11.850,00
Santa Catarina	5	13	17.000,00	32.500,00
Parlamentares	—	50	100.000,00	150.000,00
Amigos portugueses, alemães e franceses	—	—	36.900,00	36.900,00
Finanças de todo o Brasil por motivo das apreensões da Tribuna Operária	—	—	247.500,00	247.500,00
RESULTADO FINAL	1.167	—	2.283.764,00	3.180.764,00

Desejo receber em casa os 25 próximos números da Tribuna Operária. Para isto envio anexo um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., correspondente a uma

- Assinatura de apoio (Cr\$ 1.500,00)
- Assinatura standart (Cr\$ 750,00)
- Assinatura parcelada (2 x Cr\$ 375,00)

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Estado: _____

CEP: _____ Fone: _____ Data: _____

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois